

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
8 de Maio de 2025
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA – Director's Cut

CAFÉ FLESH / 1982

*Um filme de Stephen Sayadian
(com o pseudónimo de Rinse Dreams)
e Mark S. Esposito (não creditado)*

Argumento: Jerry Stahl (com o pseudónimo de Herbert W. Day) e Stephen Sayadian (com o pseudónimo de Rinse Dreams) / *Diretor de fotografia* (16 mm, ampliado para 35 para a distribuição, cor): Frank Delia (como F. X. Pope) / *Cenários:* Paul Berthell / *Figurinos:* Polly Ester / *Música:* Mitchell Froom / *Montagem:* Sidney Katz / *Som:* Irene Styles / *Interpretação:* Andrew Nichols (*Max Melodramatic*), Paul McGibboney (*Nick*), Pia Snow (*Lana*), Marie Sharp (*Angel*), Darcy Nichols (*Mom*), Kevin Jay (*Johnny Rico*), Dondi Bastone (*Spike*), Pez D. Spencer (*Mr. Joy*) e outros.

Produção: Frank Delia (como F. X. Pope) e Stephen Sayadian, para Caribbean Film / *Cópia:* digital (transcrito do original em película), versão original com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 75 minutos / *Estreia mundial:* Outubro de 1982 / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nos tempos de hoje, em que a pornografia ocupa uma gigantesca fatia do espaço da internet e modela diretamente os comportamentos sexuais, é preciso lembrar, diante deste filme de 1982, o que era a difusão da pornografia naqueles tempos tão diferentes. O cinema pornográfico, legalizado em muitos países no início dos anos 70 (houve até uma espécie de lançamento oficial, uma feira da pornografia em Copenhaga), era difundido nos sex-shops (em versões em super-8 de curta duração), mas também em cinemas especializados, neste caso sempre em obras de longa-metragem, em 35 mm. Por terem a duração *standard* de uma longa-metragem de ficção eram obras que tinham uma trama narrativa, entremeada naturalmente com muitas cenas de *hard core*. Alguns destes filmes tiveram destaque em início dos anos 70, a começar por aquele que foi o primeiro filme pornográfico a ter sido apresentado numa sala de cinema, **Deep Throat**, com o seu originalíssimo argumento. Outros filmes pornográficos daqueles tempos foram levados a sério (prova disso é que alguns deles acabaram por ser projetados nesta sala), como **The Devil in Miss Jones** e **Behind the Green Door**, mas também há exemplos de filmes pornográficos menos famosos porém com enredos divertidíssimos e originais, como **Flesh Gordon** (na categoria *soft core*) e o extraordinário **Le Sexe qui Parle** (1975), transposição *hard core* para o século XX da pouco banal história narrada duzentos e vinte sete anos antes em *As Joias Indiscretas*, de Diderot.

Quando **Café Flesh** foi realizado o cinema pornográfico já tinha perdido qualquer aura de transgressão e deixara de ser um objeto de irrisão: estava banalizado e muitas vezes chamava mais a atenção pelos seus cínicos e divertidos títulos (**Splendor in the Ass**, **Ça Glisse au Pays des Merveilles**) do que pelos filmes propriamente ditos. O início dos anos 80 é também o momento em que surgiu o vídeo doméstico, que incorporou de imediato o cinema pornográfico, a tal ponto que este deixou de ser vendido apenas nos sex-shops e passou a sê-lo também nas vídeo-shops, aqueles supermercados da arte cinematográfica, como um género cinematográfico entre outros. O número de salas de cinema pornográfico diminuiu muito, mas elas não desapareceram (isto só ocorreria durante o terceiro milénio), exatamente como as salas do cinema normal. O filme de Stephen Sayadian pertence a um período de transição do cinema pornográfico, o início da passagem das salas de cinema para os apartamentos.

Café Flesh foi produzido pela modestíssima quantia de cem mil dólares, obtidos num *crowdfunding*. Reza a lenda que a totalidade deste dinheiro era composta por moedas, pois todos os contribuidores eram ligados à indústria dos *peep shows*. Foi filmado em onze dias no estúdio de trabalho do realizador, em Los Angeles, sob o temor constante de uma incursão da polícia, pois se tratava de uma rodagem tecnicamente ilegal, com o agravante de se tratar de um filme pornográfico. Foi um fracasso total no circuito pornográfico, suscitando até pequenos motins e exigências de reembolso. Foi retirado de cartaz e posto numa prateleira, até que alguém se lembrou de mostrá-lo num cinema de São Francisco especializado em sessões de meia-noite de filme “de culto”. **Café Flesh** tornou-se imediatamente um desses filmes e teve uma segunda vida. Realizado na sequência de **Nightdreams**, outro filme de Stephen Sayadian/Rinse Dreams do assim chamado *alt porn*, **Café Flesh** é uma evidente e assumida paródia do cinema pornográfico com ambições “artísticas” e, por extensão, talvez também daqueles que levam aquele cinema - grau zero da representação do corpo humano - demasiado a sério. Fiel à tradição do cinema pornográfico com enredo (muitos destes filmes se passam na Roma antiga e há até versões de Drácula e Hamlet), o autor concebeu uma paródia *hard core* dos filmes de ficção científica, porém a partir de um ângulo peculiar, como especificou o co-argumentista do filme, Jerry Stahl: “*muitas pessoas fizeram filmes sobre o fim do mundo, mas quantas mostraram o que seria a vida noturna depois do fim do mundo?*”. É o que vemos aqui: na sequência do apocalipse nuclear (tema direto ou subjacente de inúmeros filmes de ficção científica dos anos 50 e 60) 99% dos sobreviventes tornaram-se *negativos* para o sexo, que os torna doentes mal tentam praticá-lo; a ínfima minoria de *positivos* é forçada a ter sexo diante deles, numa forma de espetáculo que já existia muito antes do filme ser feito (no mesmo ano em que **Café Flesh** foi realizado foi oficialmente identificada e denominada a sida, o que deu às palavras *positivo* e *negativo* terríveis conotações, cujo efeito está hoje esbatido, mas que só pode ter sido violento nos anos 80). A diferença é que aqui tudo se passa num café muito “exclusivo” e que os “atores” são forçados a terem sexo, não o fazem como uma profissão remunerada. O **Café Flesh** talvez seja, em parte, uma paródia do Studio 54, que foi momentaneamente o night-club mais célebre e mais snob do planeta (mas onde não havia sexo em palco). Segundo a regra de ouro americana, usada para tudo justificar, “*it’s entertainment*” (subentendido: *the show must go on*), o que é uma maneira de constatar que a própria pornografia se tornara uma forma de entretenimento, ou seja, de representação, simulação. Os espectadores presentes no café são réplicas do espectador do filme, também ele levado a entreter-se ou entediar-se com atos sexuais destinados exclusivamente a serem vistos, à exclusão do prazer daqueles que os praticam. A ironia é dupla, visa a representação do sexo na pornografia, com o que tem de grotesco e, de modo indireto, visa as castas da moda, que tentam transformar os seus mais modestos prazeres numa experiência exclusiva. O facto de toda a ação se passar num café/clube faz de **Café Flesh**, além de um filme pornográfico peculiar, que não se destina a excitar o espectador, um filme musical. “*A ideia era fazer a musical da Terceira Guerra Mundial*”, para voltarmos a citar Jerry Stahl e Sayadian observou por sua vez: “*Eu sabia exatamente que tipo de música queria. Queria que soasse como uma partitura de Elmer Bernstein dos anos 50, porém tocada pelos sintetizadores mais modernos do momento. Pensei: velhas vibrações e nova tecnologia. O Mitch Froom percebeu de imediato*”. Por conseguinte, a banda-sonora nada tem a ver com o que é praticado no cinema pornográfico, que se limita a alternar gemidos e música neutra de centro comercial, é um elemento estrutural, não decorativo. Tudo é filmado como um *home movie*, ilustrando mais uma vez as confluências entre o cinema experimental e o cinema amador, por vezes involuntárias, por vezes deliberadas, como é evidentemente o caso aqui. A representação da pornografia é feita com habilidade, de modo a desmontar qualquer possibilidade de sedução, até culminar no grotesco ponto culminante do cinema pornográfico: os orgasmos (masculinos, sempre), significativamente chamados *money shots*.

Antonio Rodrigues